GIGI

ROMANCE

GIGI

FERNANDO TARGINO DA CUNHA

DEDICATÓRIA

Dedico este romance a todos meus filhos e familiares, aos meus amigos de hoje e sempre, que estarão guardados no meu coração.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me dá o dom do conhecimento e aos meus filhos e esposa que me dá força para continuar escrevendo para que as pessoas possam se deliciar de um bom romance, onde o ponto mais forte é o amor.

PREFÁCIO

O Romance Gigi e retrata a vida das moças filhas ou parentes dos donos de engenhos que são chamadas de sinhazinhas em gestos carinhosos e são protegidas por pessoas da família para que possam arranjar um bom partido que sejam da mesma linhagem ou seja, seus pais também possuam engenhos que moam cana-de-açúcar e a história de Gigi moça que nasceu na capital e foi trazida pela mãe ainda muito jovem para ser cuidada pela tia que tinha fama de brava. Dona Sinhá Gouveia não admitia rapazes filhos de donos de engenhos se aproveitarem de quem quer que fossem abusadas em suas terras seja jovens filhas de amas ou cozinheiras da Casa Grande não admitia. E o romance se passa entre as famílias de 3 engenhos da várzea do rio Paraíba.

A primeira vez que vi senhor Nóbrega ele estava vermelho queimado do sol, num possante cavalo pampo com manchas marron, em frente da casa grande olhando para o terraço. O Carreiro passava com o carro de boi e ainda com cana de açúcar em cima, senhor Nóbrega observava como se ele tivesse esquecido de que no sei engenho tinha um.

Senhor Nóbrega mostrava um rosto jovem, mas os seus cabelos já começavam a pintar de grisalho pela cor de sua pele dava para se notar que andava um tempão ao sol da caatinga andando no cercado com vestimenta de couro como se tivesse pegando boi bravo no cercado para colocar no curral, mas no mesmo tempo parecia um rapaz decente, de smoking por baixo do gibão. No terraço havia uma garota com seu cabelo de um belo tom loiro escuro e tinha um semblante de anjo, sobre os ombros um turbante

jogado em cima do casaco de seda, que fazia o seu possante cavalo parecer um corcel negro. O carreiro era um senhor com cara de durão dava cutucada no com uma vara no lombo dos bois para que ele apressasse em seu caminho, ele usava roupa rústica com alguns arremates de couro, estava a ponto de explodir, pois o mesmo estava atrapalhando a sua passagem do carro de bois.

- Escute aqui meu senhor com um tom de voz já alterada.

– Dá para sair da frente para eu passar com o carro de boi? Os bois estão ficando amuados.

- Pode sim, desculpe senhor – disse senhor Nóbrega sem pestanejar estava encantado com a beleza de Gigi.

A garota que estava no terraço lançou-lhe um olhar que deve ter penetrado pelo menos alguns centímetros nas suas costa. Mas ele ignorou pelo menos não a ponto de se

atrever dá a primeira investida. No engenho acostumava aparecer esse tipo de gente, principalmente quando se tem donzelas para se cortejar. Nesse instante chega mais dois cavalheiros da família de dona Sinhá Gouveia, um dele com chicote na mão, eles passam e não cumprimenta e vai direto a cozinha da casa grande o outro também desce do cavalo de calça azul de Amescla e bota de cavalgar e com uma roupa de couro dessa de entrar no mato, não ter medo de ser rasgado pelos calombis e acende um charuto comprido de palha. Sem cumprimentar também entra na casa grande para tomar um café e levar uma conversa rápida com Sinhá Gouveia.

- Não liga não, são os rapazes de Pilar, eles são assim mesmo.

- Tudo bem, não me importa - e continuou a conversa com Gigi.

A garota continuava ouvindo a conversa com um jeito encantador já gostando da conversa do senhor Nóbrega.

- Poço fazer uma pergunta senhor Nóbrega, o senhor veste sempre assim com essas vestes de pegar boi bravo no cercado, e isso não é quente não com esse sol que está fazendo?

- me visto assim por que gosto de correr os cercados para ver como estão os bois do meu engenho e não ser rasgado pelas jurubebas e calumbis.

Pelo jeito de Gigi falar deu para senhor Nóbrega perceber que ela estava encantada com a sua pessoa.

- Gostei de você espero encontrarmos mais vezes para conversarmos - disse Gigi já demonstrando seu interesse em conhecê-lo melhor.

- Sim, com certeza nos veremos eu também pretendo-me encontrar com você mais vezes, mais como você se

chama? Você sempre vai a missa na Igreja de São Miguel? Podemos se encontrar lá.

-Vou sim, eu me chamo Gigi e vou pedir a minha tia sinhá Gouvêa para ir comigo esse final de semana, lá dou um jeito de falar com você.

E apenas conversava de longe mais já despertava uma amizade entre os dois e assim passava os dias da semana e Gigi chamou a tia sinhá Gouveia para ir à missa no sábado, já que era rezada missa de quinze em quinze dias.

E por outro lado senhor Nóbrega contava os dias para chegar o sábado para ir a missa se encontrar com Gigi não tirava ela do pensamento e nunca tinha sentido isso por moça nenhuma.

E assim Gigi convenceu sinhá Gouveia a ir a missa no sábado já que ela era muito devota e era raro ela perder uma missa no final de semana.

- Vou à missa minha filha mais assim que terminar voltamos logo, não invente de ir visitar amigos.

- Tá certo tia, eu vou me confessar, e também quero chegar cedo em casa.

- Como foi que você conseguiu vir a missa hoje? Sua tia veio por que quis ou você forçou a barra?.

- Não, ela veio por que quis, não fiz nada apenas pedi para ela vir à missa hoje, precisava me confessar.

Aproveitando um descuido de dona sinhá Gouveia que tinha entrado no oratório para se confessar Gigi deu uma fugidinha para falar com senhor Nóbrega no lado de fora da igreja, onde ele já o guardava no outro lado onde fazia mais sombra.

- Olhe Gigi não quero que você seja prejudicada por esse nosso encontro aqui. Você sabe que estou louco para lhe dá um beijo, mas volte para junto de sua tia?

- Não me importo o que minha tia vá dizer, se ela for embora eu vou sozinha mesmo que seja a pé.

- Isso, não deixaria acontecer com você, eu posso te levar no engenho no meu cavalo, mais as coisas poderá ficar difícil para nós dois se encontrar novamente – concordou Gigi de ir trocaram-se olharem carinhoso e ele disfarçou e passou pela velha Sinhá sem que ela percebesse a sua presença.

- Aonde você foi minha filha que sumiu o tempo todo da missa?

- Calma tia eu estava do outro lado da igreja passando o calor, estava muito calor aqui dentro, e fiquei olhando as

fumaças saindo dos bueiros dos engenhos era uma paisagem muito linda e não percebi o tempo passar.

Chegando ao engenho já ao anoitecer o sol sumindo no horizonte estava preocupado com a criadagem que preparava a janta da noite. E chegando ao engenho ainda com o sol se pondo no horizonte, os pássaros cantarolavam ao entardecer onde se ouviam de longe as algazarras e os curruchiados anunciando mais uma noite que se aproximava perto de uma mata fechada com as vertentes sangrando formando riacho no seu curso.

- muito obrigada, agradeceu dona Sinhá ao cocheiro, convidando-o para entrar e tomar uma xícara de café.

- Não tem de agradecer de quer estava fazendo a minha obrigação - disse o cocheiro.

Quando chegaram ao engenho entraram e a porta ficou aberta o vento batendo, Gigi foi direto para a cama estava

cansada da viagem de charrete lhe deixou fadigada, o cocheiro um senhor velho muito cuidadoso com os animais levou e a soltou no curral.

As missas no São Miguel eram rezadas as tarde pelos padres missionários que vinha da cidade de Pedras de Fogo e a noite era perigosa para as senhoras dos engenhos vir as missas tendo em vista as muitas matas próximas do rio e da vila São Miguel. E as onças poderiam atacar já que era comum ouvir falar desses animais atacando fazendeiros na redondeza. Os animais que puxavam a charrete pressentiam de longe o perigo já que as matas eram infestadas desses animais a noite.

A força do amor é mais forte quando esconde no seu passado um grande amor e que tenta resgata-lo depois de um longo tempo e foi assim que a jovem Gigi veio parar

no Engenho Corredor levada por sua mãe querendo lhe protege-la das mãos de um jovem aproveitador da capital e a distância poderia ser o melhor remédio para que ela o esquecesse.

Próximo dali o cavalo do senhor Nóbrega estava solto no pasto, corria livremente pela campina, estava só esperando o dono dar um assovio para ele riscar perto dele era assim que os dois se comunicavam e o cavalo sabia tudo direitinho parecia gente de tão ensinado que estava, e só atendia ao seu dono.

- Venha cá meu grande amigo, vamos cavalgar um pouco? Falava ele com o cavalo. E o cavalo parecia que entendia o que senhor Nóbrega e quendo ele ouvia a voz do dono ele apenas balançava a cabeça que a clina virava de um lado para outro e sacudia o rabo também.

Estava acontecendo uma desvalorização do cruzado o que fazia a produção dos engenhos caírem, o açúcar bruto estava sendo comercializado com o preço muito baixo do que o mercado oferecia, que não dava para custeiar novos plantios da cana de açúcar, a soca da cana já na terceira folha já não dava mais para esperar mais uma safra e estava reduzida caindo pela metade.

Dona sinhá Gouveia estava preocupada como os demais donos de engenhos das redondezas, ela tocava pra frente o seu engenho com pulso forte mais já se notará o enfraquecimento da produção tanto da cachaça como do açúcar bruto e a rapadura, o garajau da rapadura que era comercializado a 12 cruzados estava sendo vendidos à 8 com uma perda muito alta.

Dona sinhá Gouveia estava preocupada também com a baixa produção do bagaço, pois tendo a safra reduzida cai

também o bagaço para a safra do ano seguinte os depósitos estavam pela metade de seu volume.

A mesma situação também vinha passando o engenho Lagoa Preta com os preços baixos o rendimento da produção do açúcar e da cachaça caiu pela metade nesse ano o que prejudicaria a safra do ano seguinte..

A casa Grande do engenho corredor estava com as paredes amareladas e precisava ser pintada sinhá Gouveia não se preocupava em mandar pintar apenas comentava que as paredes estavam muito sujas. sinhá Gouveia não andava por dentro do engenho quando ele moia, ela não suportava o cheiro do mel, nem do cheiro da rapadura e do açúcar que ali fazia, mas era açúcar bruto que ela colocava no café e no suco feito na casa grande. Mais ela com os prejuízos constatados dos preços da cachaça e do açúcar não queriam fazer gasto desnecessário, a parede

da casa grande podia espera para ser pintada em outra oportunidade.

- Tia vamos a missa hoje a tarde, estou com uma vontade de me confessar!

- Não minha filha, hoje não vai dá estou esperando umas amigas do Pilar para rezarmos um terço aqui no engenho e quero que você participe também.

E perto dali na Lagoa Preta Senhor Nóbrega, também pensava na sinhazinha Gigi e planejava meios de se encontrar com ela as escondidas.

Perto do engenho morava um cabloco que prestava serviços no engenho dos pais do senhor Nóbrega e gostava de viajar ao Pilar aos sábado ia pé e também não tinha medo de andar a noite já enfrentara caxito nas suas caminhadas e botado o bicho para correr. E mandou um recado para o cabloco vir ao seu engenho que queria lhe